Homenagem à Juíza Andréa Saint Pastous Nocchi

Boa tarde a todas e a todos.

É com profundo respeito e imensa gratidão que me dirijo a todas as pessoas presentes neste plenário para homenagear a Juíza Andréa Saint Pastous Nocchi — mulher, feminista, magistrada, militante dos direitos humanos e referência para a Justiça do Trabalho gaúcha e brasileira.

Saúdo, com especial carinho, o Vicente, companheiro de vida de Andréa, e suas filhas Paula, Isadora e Carolina, assim como toda a família, as amigas e os amigos, e todas as pessoas que tiveram o privilégio de conviver e trabalhar ao seu lado.

Andréa Nocchi deixou marcas profundas na instituição que serviu e na sociedade que tanto quis transformar. Sua trajetória foi construída sobre uma convicção firme: o direito não se realiza apenas no discurso; ele se materializa quando se converte em proteção concreta para as pessoas.

Feminista convicta, Andréa dedicou parte essencial de sua vida à defesa das mulheres, à equidade de gênero, de raça e de diversidade e ao enfrentamento das desigualdades que ainda estruturam o mundo do trabalho. Sua sensibilidade não era apenas uma qualidade pessoal: era uma ferramenta de transformação institucional.

A escritora Conceição Evaristo ensina que a nossa escrevivência “não é para adormecer os da casa-grande, e sim para acordá-los de seus sonos injustos”. Andréa viveu essa ideia. Ela não se calava diante das injustiças. Incomodava, provocava, mobilizava e agia. Tinha a coragem de dizer o que precisava ser dito e a determinação de transformar palavras em políticas públicas, direitos e caminhos possíveis para tantas mulheres.

Ela foi uma das propulsoras do Programa de Erradicação ao Trabalho Infantil e de Estímulo à Aprendizagem da Justiça do Trabalho, reafirmando que nenhuma criança ou adolescente pode ter sua infância substituída pela exploração. Defendeu que o futuro pertence, antes de tudo, ao estudo, ao brincar, ao cuidado e à esperança.

Andréa também foi protagonista na construção e implementação da Política de Equidade de Gênero, Raça e Diversidade no TRT-RS e contribuiu para a concepção do Programa de Equidade de Gênero, Raça e Diversidade do Conselho Superior da Justiça do Trabalho. Sua atuação ajudou a transformar uma pauta de resistência em política institucional permanente.

Quem conheceu Andréa sabe que ela não se contentava com o mínimo. Enxergava possibilidades onde muitos viam obstáculos, articulava pessoas, mobilizava estruturas e cobrava resultados. Tinha a coragem de defender causas impopulares e a generosidade de abrir caminhos para que outras mulheres pudessem avançar.

Andréa amava a música de Fito Páez. E talvez nenhuma expressão traduzisse melhor sua presença entre nós do que aquela que ele canta:

> “Yo vengo a ofrecer mi corazón.”

Ela veio oferecer o coração — à Justiça do Trabalho, às mulheres, às crianças e aos adolescentes, às pessoas em situação de vulnerabilidade e a todas aquelas que buscavam, em sua voz e em sua ação, um pouco mais de dignidade. Mas Andréa nos ensinou que oferecer o coração não é apenas sentir. A pensadora bell hooks nos lembra que o amor não é um mero sentimento passageiro: é uma ação, uma escolha e um compromisso ativo. Para ela, amar é usar o amor como verbo — é agir, cuidar, responsabilizar-se e permanecer firme diante das injustiças. Andréa teve exatamente esse compromisso. Seu amor pela Justiça do Trabalho se fez programa, política e ação: na erradicação ao trabalho infantil e na defesa da aprendizagem; na construção da equidade de gênero, de raça e de diversidade; na proteção de quem trabalha e na ampliação de direitos para quem sempre esteve à margem.

Ela soube que não bastava desejar um mundo melhor: era preciso construí-lo, com escuta, coragem, persistência e entrega. A música “Maria, Maria”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, retrata com profundidade as dificuldades cotidianas das mulheres — suas dores, seu trabalho, sua força silenciosa — e, ao mesmo tempo, sua capacidade extraordinária de sonhar e de manter a fé na vida. A canção nos lembra que é preciso ter “força”, “raça”, “gana” e “sonho sempre”. Andréa teve essa força. Teve essa gana. E, sobretudo, teve sonho.

Sonhou com uma Justiça do Trabalho mais humana. Sonhou com mulheres livres da violência e da desigualdade. Sonhou com crianças e adolescentes protegidos da exploração. Sonhou com trabalho decente, dignidade e igualdade para todas as pessoas. E, mais do que sonhar, ela agiu.

Sua vida nos ensina que a equidade não é um favor: é um direito. Que a erradicação ao trabalho infantil não é uma escolha: é um dever. E que a Justiça do Trabalho, quando se compromete com os direitos humanos, torna-se mais humana, mais próxima e mais forte.

Andréa partiu, mas seu legado permanece vivo em cada política que ajudou a construir, em cada pessoa que inspirou e em cada luta que agora cabe a nós continuar. Que sua memória nos convide a fazer o mesmo: transformar o amor em compromisso, o sonho em política e a indignação em ação.

Que sua memória nos fortaleça. Que seu exemplo nos mobilize. E que, como ela, saibamos acordar consciências, enfrentar injustiças e oferecer o nosso coração àquilo em que acreditamos.

Obrigada por tanto, Andréa Nocchi: por ser exemplo, por tanta força e por ser inspiração! Por um mundo do trabalho mais justo, decente e feminista, como você sonhou, como você lutou e como você merece ser lembrada.